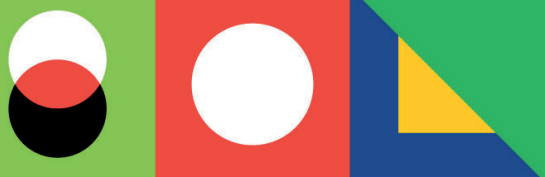


Projeto Emaranhando Vidas

VIOLÊNCIAS E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

Uma Reflexão-ação Compartilhada Com os/as Estudantes



Trilhos da
EDUCAÇÃO

Trilhos da EDUCAÇÃO

Projeto Emaranhando Vidas

**VIOLÊNCIAS E BULLYING
NO CONTEXTO ESCOLAR**

Uma Reflexão-ação Compartilhada Com os/as Estudantes

São Luís, 2021





Violências e Bullying no Contexto Escolar.

Esta publicação foi organizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – Flacso Brasil. A edição desta obra foi viabilizada por meio do projeto “Trilhos da Educação - Assessoria técnico-pedagógica para o fortalecimento da educação básica nos municípios ao longo da Estrada de Ferro Carajás”, realizado no âmbito da parceria estabelecida entre Flacso Brasil, Vale e Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão. Sua distribuição eletrônica ou impressa é gratuita.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abramovay, Miriam
Violências e bullying no contexto escolar [livro eletrônico] : uma reflexão-ação compartilhada com os/as estudantes / Miriam Abramovay, Ana Paula da Silva.
-- 1. ed. -- São Luís, MA : Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2021. -- (Coleção trilhos da educação ; 1)

Bibliografia.
ISBN 978-65-87718-24-8

1. Assédio nas escolas 2. Bullying 3. Bullying nas escolas 4. Educação
5. Educação e Estado - Maranhão 6. Ensino médio 7. Professores e estudantes
8. Violência nas escolas I. Silva, Ana Paula da. II. Título III. Série.

21-80454 CDD-371.782

Índices para catálogo sistemático:

1. Violências e bullying nas escolas : Educação 371.782
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão

Governador do Estado do Maranhão

Flávio Dino de Castro e Costa

Secretário de Estado da Educação

Felipe Costa Camarão

Subsecretário de Estado da Educação

Danilo Moreira da Silva

Secretária Adjunta de Gestão da Rede do Ensino e da Aprendizagem

Nadya Christina Guimarães Dutra

Vale S.A.

Presidente

Eduardo Bartolomeo

Vice Presidente da Vale

Luiz Eduardo Osorio

Diretor de Relações Institucionais

Luiz Ricardo Santiago

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – Flacso Brasil

Diretora

Salette Sirlei Valesan Camba

Coordenadora do Programa Cidadania, Participação Social e Políticas Públicas

Kathia Dudyk





Trilhos da Educação

Coordenação Geral

Kathia Dudyk

Coordenação de Articulação e Gestão Interna

Bárbara Alves Nonato

Coordenação de Conteúdo

Carolina Albuquerque Silva

Coordenação Pedagógica

Camila Castanho

Coordenação de Ações de Juventude

Edvard Sales Ferreira Neto

Coordenação

Administrativa-Financeira

Márcia de Câmera Campos

Equipe

Aline Quintão, Fernanda Valesan, Juliana Nascimento Lima, Pedro Gorki e Wilna Sena.



Ficha Técnica

Organizadoras

Miriam Abramovay, Ana Paula da Silva e Carolina Albuquerque Silva

Autoras

Miriam Abramovay e Ana Paula da Silva

Revisão técnica

Margareth Doher

Projeto gráfico

JJBZ e Vinícius Lourenço Costa

Diagramação e ilustração

JJBZ e Keko

Assistentes de Edição:

Ana Cristina J. de Melo e Rafael Minoru (Contra Regras)

Sumário

APRESENTAÇÃO	08
NEM TODA VIOLÊNCIA É BULLYING, MAS TODO BULLYING É UMA VIOLÊNCIA.....	10
CARACTERÍSTICAS DO BULLYING	18
CYBERBULLYING.....	24
A COMUNIDADE ESCOLAR COMO UM TODO É RESPONSÁVEL PELAS VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS, ENTRE ELAS O BULLYING.....	27
REFERÊNCIAS.....	30
SOBRE AS AUTORAS	31





Apresentação

Esta publicação faz parte do **Projeto Emaranhando Vidas**, surgido em 2018, a partir da demanda apresentada pelo Fórum Permanente de Prevenção ao Suicídio e Valorização da Vida à Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (Seduc/MA). A iniciativa tem por objetivo promover, a partir das Unidades Regionais de Educação do Estado do Maranhão (UREs), ações de caráter formativo, educativo e informativo junto a profissionais da educação, familiares e estudantes, visando a promoção e prevenção da saúde mental na escola, assim como a redução do estigma e do preconceito associados aos eixos da ansiedade, depressão, drogas e bullying.

As análises abordadas pelo projeto buscam a pertinência e a contemporaneidade dos temas relacionados às juventudes, educação, escola e outros temas emergentes como depressão e ansiedade, drogas, violências e bullying, na perspectiva dos direitos humanos e da formação ética para a cidadania, a partir do desenvolvimento socioemocional e da participação juvenil.

O presente material, voltado para os estudantes do ensino médio, foi elaborado com o objetivo de ser uma ferramenta de trabalho coletivo para discutir temas sobre violências e bullying nas escolas, de maneira teórica, reflexiva e prática, com dinâmicas e indicações de materiais a serem trabalhados, de maneira criativa e participativa.

O texto discute os tipos de violências nas escolas, como as de cunho verbal, micro-violências, mescladas a incivilidades e culturas de não reconhecimento do direito do outro e da outra em ser diferente (racismo, homofobia, relações de gênero, entre outros), as violências “duras” e a violência institucional. Dentre essas violências, há que destacar o bullying, sua diferenciação, origem e seu conflito, como um tipo de violência física ou psicológica, seus diferentes tipos, intencionais e repetitivos, praticados por um ou mais alunos, incluindo espectadores, causando dor e angústia na vítima, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

As diversas violências têm impacto no ensino-aprendizagem dos estudantes. Em 2019, 2,1 milhões de estudantes foram re-

provados no país, mais de 620 mil abandonaram a escola e mais de 6 milhões estavam em distorção idade-série (UNICEF, 2021). A pandemia aumentou os números da evasão e/ou do abandono escolar.

Neste contexto, ressaltamos a importância da escola no enfrentamento à violência, não somente por lidar com conhecimentos, ensinar a pensar e ser crítico, fazer escolhas, mas por ser o espaço potencial de vínculos, de encontros entre pares e com adultos, lugar da brincadeira, e porque, face às mudanças e aos problemas que enfrenta a família, teria condições de proporcionar uma rede de segurança social-afetiva para crianças, adolescentes e jovens.

A publicação tem como proposta um conteúdo teórico-prático, subsidiado por metodologias de trabalhos participativos e dialógicos entre professores, gestores e estudantes para transformar o cotidiano da prática pedagógica de forma crítica, criativa e democrática, como estabelecem as diretrizes curriculares nacionais.

Boa leitura!





2

Nem toda violência é bullying, mas todo bullying é uma violência



As violências nas escolas são cotidianas, corriqueiras e muitas vezes passam despercebidas pela maioria do corpo pedagógico e pelos familiares, já que, muitas vezes, adolescentes e jovens não têm confiança para conversar sobre temas complicados com as famílias e também com os adultos da escola. As violências que se dão no cotidiano muitas vezes são negadas e banalizadas pela instituição escolar e também pelos próprios estudantes, que as consideram “brincadeiras”, em especial quando se trata de discriminações.

Quando as referências são as violências nas escolas há que levar em conta:

1) as violências duras (lesão corporal, ameaças, roubo, furto, tráfico de drogas etc.), ou seja, atos e episódios que podem resultar em danos irreparáveis aos indivíduos e, por isso, exigem a intervenção estatal, como por exemplo, os crimes que são condutas ilícitas que estão no código penal;

2) as incivildades ou microviolências são aqueles atos que não contradizem a lei, mas as regras da boa convivência (desordens públicas, grosserias, pequenos furtos, etc.) e alguns tipos de discriminação, não enquadradas na lei como crime, por exemplo, zombarias, agressões “leves” e xingamentos;

3) as violências simbólicas são formas de dominação que se apoiam em mecanismos simbólicos de poder que estruturam

as sociedades e fazem com que as pessoas vítimas da violência não necessariamente a percebam como tal, como, por exemplo, o racismo e a homofobia. Toda a nossa sociedade está estruturada em relações de poder que são desiguais, a exemplo: jovens e adultos, professores e estudantes, pais e filhos, patrão e empregados, entre outros.

A escola não está imune a constituir um lugar de reprodução e de produção de violências, o que pede mais atenção à ambiência escolar e às relações sociais que aí se produzem. A violência da escola pode ser uma situação institucional, que a própria cria ao abrir portas para violências cotidianas. Por exemplo, o não refletir sobre o porquê de preconceitos, pode levar a atos de discriminações na escola e fora dela, contra os direitos humanos. Tal concepção inclui também transgressões praticadas por estudantes, desrespeito e incivildades de alunos em relação aos professores e vice-versa, assim como as violências das relações sociais entre os jovens e com os adultos.

A escola como instituição básica dedicada a formar, informar, aprender a criticar não pode deixar de refletir e dialogar sobre as violências, inclusive, as mais banalizadas, como os apelidos pejorativos, os furtos, as brigas e as várias discriminações. Quando isso ocorre, as escolas deixam de ser locais protegidos ou pre-



servados e se incorporam às violências cotidianas do espaço urbano. Desse modo, a instituição deixa de representar, como antigamente, um local seguro e protegido para os alunos e perdem grande parte dos seus vínculos com o território, já que muitas vezes são espaços fechados para a própria comunidade.

A escola não apenas reproduz as violências que acontecem na sociedade, mas produz formas próprias, de diversas ordens, tipos e escalas, que refletem em seu cotidiano. Quando as violências nas escolas são percebidas de maneira mais ampla, mostra-se que é preciso lutar para que esta não seja um espaço de desigualdades, o que se tornou mais claro em tempos de pandemia, em que essas foram escancaradas. No entanto, a escola mostrou sua importância como lugar de acolhimento e possibilidades de revalorização da instituição e de seus professores.

É comum considerar como fatos violentos somente os atos reconhecidos como delituosos pelo código penal. No entanto, critica-se tal postura, não somente pelo reconhecimento de que há vários tipos de

violências que implicam em incivildades, microviolências, quebras do pacto social e de regras de convivência.

As violências nas escolas alertam sobre a importância de se estar atento para pequenas agressões, hostilidades, xingamentos, discriminações e desqualificação de alguns alunos por parte de outros ou dos adultos.

Tais práticas são frequentes, embora não sejam consideradas tão sérias quanto a violência armada ou qualquer outro tipo de violência que ponha em risco a integridade física dos estudantes, mas causam danos profundos – principalmente às vítimas, mas também aos agressores, mesmo que esses se sintam “imponderados” com tais atos.

Estes comportamentos contribuem para a formação de um caráter agressivo e totalitário, além de influenciar negativamente o desempenho escolar de todos os envolvidos e ter efeitos complexos, como o de colaborar para que a vítima de hoje possa ser o agressor do outro amanhã, ou que venha a revidar violências “permitidas”, ou não punidas, com violências duras.

Como prevenir as violências nas escolas?

É um ganho pedagógico e civilizatório o consenso de que não só a violência física merece atenção, já que outros tipos podem ser traumáticos e graves, sendo **recomendado escutar as vítimas e todos os atores da escola para construir noções sobre violências mais afins com a realidade**. Outro ganho tem sido a chamada para uma perspectiva de **prevenção contra violências de vários tipos**, como o **estar atento para sinais de preconceitos antes que esses se transformem em atos de discriminação** e para casos de bullying, que como incivildades recorrentes, podem passar despercebidas ou banalizadas.

Dinâmica da batata quente

Primeiro arrume uma caixa de papelão média e a prepare! Deixe-a visualmente bonita, com imagens, frases e o que mais desejar. Em seguida, separe reportagens, notícias, imagens, frases sobre as diversas violências como preconceitos, discriminações, bullying, cyberbullying, LGBTfobia, assédio sexual, violência doméstica, feminicídio, racismo, entre outras, e cole em uma folha de papel em branco para destacar.

Para realizar a atividade, prepare uma sala que tenha cadeiras em círculos e um aparelho de som. Convide sempre uma turma diferente para participar, o que pode ser combinado com algum professor.

Escolha músicas que os colegas gostem! Busque salvar canções diversificadas: MPB, rock, funk, reggae, forró etc. para que atenda a todos os gostos.

Um aluno de costas para o círculo deverá ficar responsável por tocar e parar a música durante a dinâmica, enquanto outro fica responsável para liderar a atividade. Na medida em que a música é tocada, a caixa deverá circular de mão em mão. Quando a música parar, o estudante com a batata quente (a caixa), pega uma das folhas e deixa a caixa no meio do círculo. Sua missão é refletir sobre o que retirou e dizer se já viveu ou presenciou tal violência na escola ou na vida.

Outros alunos podem e devem participar, trazendo suas experiências. Cabe a quem lidera esse estímulo. Quando terminar, o líder da atividade deve separar o que já saiu na roda e entregar a batata quente para o mesmo aluno e assim continuar a dinâmica.

Dica: modifique sempre o líder e o responsável pela música para que haja um estímulo à diversidade e à participação coletiva.



Diversas manifestações podem ser identificadas como violências: gestos e atos físicos (agressões e roubos), atos verbais (ameaças, insultos, humilhações), atos de comunicação não verbal (olhares, silêncios, zombarias ou isolamento do grupo), situações conflituosas, sociais (racismo, desigualdade social ou de gênero, dominação econômica etc.) ou relacionais (conflitos nas relações face a face) que podem chegar a um enfrentamento.

As ações e tensões violentas são geralmente classificadas naqueles três tipos de violências que explicamos acima: micro-violências ou incivildades, violência simbólica e “violência dura”. Vamos entender melhor cada uma delas?

O mundo coletivo é formado por grupos, que têm normas e regras que devem ser seguidas e, quando esses pactos são quebrados, a ideia de cidadania e de confiança de que existe um mundo comum para dividirmos com o outro é destruída.

Essas, chamadas “pequenas violências” comprometem a troca e a solidariedade na vida social. Assim, **as incivildades ou microviolências** são pensadas como aquelas que não usam agressão ou afrontamentos violentos. Comumente, são exibições de comportamentos desafiantes da autoridade, signos de indiferença em relação aos outros: insultos, pequenas degradações dos espaços públicos, barulhos, odores,

abandono de objetos e lixo em locais de uso coletivo. Na escola, por exemplo, seria o confronto com os amigos e professores, ou ainda a pichação em carteiras, portas e paredes, entre outros.

A **violência simbólica** é uma forma de dominação que se apoia na obediência ou na aceitação de maus-tratos sem contestação, e faz com que as pessoas se enxerguem e se avaliem de acordo com os critérios definidos por alguém com maior poder. O poder simbólico se impõe em função de um reconhecimento da dominação, mantendo assim as relações assimétricas de poder.

O conceito de violência simbólica foi elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2001) para mostrar que este tipo de violência se dá principalmente por meio da linguagem, quando não há reação daqueles que são vítimas, e estes se tornam cúmplices das violências que sofrem. Um exemplo é o racismo e a homofobia pautados em estigmas e preconceitos, assumidos como verdades, através da inferioridade do outro.

Há que recorrer mais à história para ilustrar as terríveis consequências de uma cultura de violência, como foi o nazismo, que alimentou preconceitos e estimulou discriminações contra judeus, ciganos e homossexuais, entre outros, considerados como “raça inferior” e como os causadores dos problemas da Alemanha, o que levou à perseguição e genocídio desses grupos.

As discriminações e preconceitos muitas vezes são respaldadas por violências simbólicas, e usadas para manter os grupos mais pobres em um lugar social construído para eles, sem que estes considerem que estão sendo vítimas de injustiças e que seus direitos humanos estão sendo desrespeitados.

A escola é uma instituição com uma alta potencialidade para o desenvolvimento de um pensamento crítico. É nela em que o desmascaramento da micro-violência e violência simbólica mais se poderia realizar, discutindo o porquê de preconceitos, como a xenofobia (ódio aos estrangeiros), o racismo e a homofobia, investindo no conhecimento sobre a falta de bases científicas (pesquisas) para tais violências, a origem histórica delas, como o processo de colonização, a escravização e ideias estereotipadas sobre gênero e masculinidade, por exemplo.

Esta análise permite compreender fenômenos de violência escolar de forma mais ampla e diversificada, ao tratar como violência certas ações oriundas da quebra do diálogo (intimidações, injúrias, delitos contra objetos e propriedades etc.). Às vezes, as pequenas violências cotidianas sequer são consideradas violências, o que impede que providências de prevenção sejam tomadas em relação a elas.





Cineclube na escola!

Faça uma exibição seguida de debate. Traga também parceiros da escola para a conversa (Organizações não governamentais, Posto de Saúde, especialistas no assunto, entre outros) e convide seus colegas e professores. Veja algumas dicas de filmes que abordam os temas que estamos tratando.

Evil – Raízes do Mal, 2003 – Um rapaz atormentado de 16 anos, tratado com violência pelo padrasto, também trata seus colegas de escola com violência e acaba expulso da escola pública. É mandado a uma prestigiada escola privada, onde sabe que terá uma última oportunidade. Lá chegando tem que se confrontar com os códigos e humilhações dos estudantes veteranos, arriscando sua expulsão ou submetendo-se. Um olhar diferente, neste filme sueco, que chegou a ser indicado ao Oscar de filme estrangeiro em 2004.

Em um Mundo Melhor, 2010 – Um médico dinamarquês divide o tempo entre seu trabalho humanitário na África, onde tenta salvar meninas da violência, e a calma de seu país natal, onde seu filho mais velho é constantemente perseguido e agredido na escola até conhecer um garoto que perdeu a mãe, que o defende e torna-se seu melhor amigo. O bullying está presente em todas as esferas deste bom filme de Susanne Bier, ganhador do Oscar de Filme Estrangeiro de 2011.

A Classe, 2007 – Joosep é um adolescente tímido e sensível que virou saco de pancadas do valentão Anders e sua turma. Diariamente, Joosep é submetido a longas sessões de tortura física e psicológica. A situação piora quando Kaspar, um dos meninos que marcava posição contra Joosep, muda sua conduta e passa a protegê-lo. Sentindo sua liderança ameaçada, Anders decide tornar Kaspar vítima das mesmas atrocidades. O filme feito na Estônia é um verdadeiro soco no estômago, feito propositalmente para chocar.

Desconstruindo a LGBTfobia, um conjunto de vídeos de produção brasileira. Os episódios estão disponíveis no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vj-OaM8Q-QhE>> (episódio 2).

As violências se entrelaçam e mudam de significado de acordo com o processo social, revelando a complexidade do tema e o quanto é difícil enquadrá-lo e compreendê-lo. Por exemplo, racismo e homofobia não necessariamente são percebidos pelas vítimas como um único tipo de violência, englobando, muitas vezes, expressões duras, incivilidades e se formatando como violência simbólica e principalmente, institucional, ainda que, no Brasil, racismo seja crime previsto na lei¹, mas de difícil enquadramento. Os apelidos, as referências pejorativas, ou seja, as chamadas “brincadeiras”, quer por estudantes, quer por professores, e muitas vezes justificadas pelos próprios estudantes que são as vítimas, em função dos ritos de pertencimento a um grupo, bem ilustram a plasticidade do conceito de violência. Quando o foco são as microviolências ou incivilidades, ou seja, as pequenas desordens, as mesmas não podem ser confundidas com delitos como o porte ilegal de armas ou a agressão física.

¹ Lei nº 7.716/89 - Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

As ameaças são um excelente exemplo de como os diversos tipos de violência estão entrelaçados e a dificuldade de classificá-las, ou melhor, como as fronteiras entre as violências são tênues: a ameaça consta no Código Penal Brasileiro, o que a configura como “violência dura”: Art. 147 – Ameaçar alguém, por palavra, escrito ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico, de causar-lhe mal injusto e grave. Pena: detenção, de 1 (um) a 6 (seis) meses, ou multa.

3

Características do bullying



Já o **bullying**, que compreende outro tipo de violência existente nas escolas, é considerado como uma forma de atitude agressiva, intencional e repetitiva, que ocorre sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executada dentro de uma relação desigual de força e poder (OLWEUS, 1991, 1993, 1994). Dan Olweus foi um psicólogo, professor e pesquisador na Noruega, reconhecido como pioneiro nos estudos sobre bullying. Segundo este autor, o bullying são atos repetidos entre iguais (**estudantes**), onde há desequilíbrio de poder, o que torna possível a intimidação da vítima, resultando em danos e sofrimentos sem motivos evidentes. Uma forma perversa de relação interpessoal. Em diversos países a palavra é usada para conceituar o desejo consciente deliberado de maltratar e pressionar o outro.

Chamamos a atenção para que o termo bullying não é (ou não deve ser) usado quando há ações negativas entre adultos (professores, gestores, pais/responsáveis, entre outros) e/ou entre adultos e estudantes. Ou seja, só pode ser caracterizado bullying quando acontece entre estudantes.

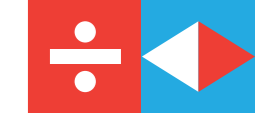
O bullying é classificado em três tipos: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder:

1) a intencionalidade: desejo de produzir um dano ou desconforto a outra pessoa;

2) a repetição: é um comportamento não casual, destinado a um alvo durante um certo tempo;

3) o desequilíbrio de poder: se dá pelo aspecto físico de uma pessoa ou pela quantidade de pessoas que praticam determinada ação agressiva contra o alvo. Quem sofre se vê incapaz de defender-se fisicamente e psicologicamente contra o seu ou os seus agressores.

O bullying tem relação, portanto, com intimidação, isolamento, insultos direcionados a uma ou mais pessoas. O fenômeno do bullying acontece sempre entre os pares, os iguais, ou seja, os companheiros da escola. É um tipo de comportamento que hostiliza o outro, de forma agressiva e prolongada, com efeitos nocivos tanto para as vítimas como para os agressores, quando existe uma relação desigual entre os iguais. Quando se é atacado e não se reage, há uma submissão ao outro e pode criar também para o agressor um sentido de poder, de prepotência, não se incomodando com o que sente a vítima, rompendo com isso os possíveis vínculos de amizade e sociabilidade existentes nas escolas.



Portanto, quem sofre bullying pode expressar pouca interação, além de um sentimento de insegurança que o impede de requerer ajuda. Podem apresentar baixa autoestima, o que é agravado pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento, por vezes ignorado e tido sem importância. Os que sofrem bullying podem acreditar também serem merecedores do que lhes é imposto.

Quando há trocas de intimidação entre estudantes com a mesma força física ou psicológica, onde existe uma relação com igual equilíbrio, não se pode considerar a existência do bullying e sim de outra violência.

O bullying, assim como as várias violências, deve ser trabalhado e discutido nas escolas, com intervenções efetivas, para que não tenham consequências no ambiente escolar e não traga sentimentos de ansiedade, medo, depressão, solidão, autoestima reduzida, impotência, insegurança e impunidade para quem pratica, na medida em que a escola não toma providências. Também pode causar baixo rendimento escolar, evasão ou abandono da escola, podendo chegar até o suicídio, causado pelo desespero e sofrimento de quem não consegue suportar e não encontra forma de solucionar o que se está enfrentando. O fenômeno bullying não é algo natural nem “brincadeira da idade”, ou que se refere apenas a desvios comportamentais e de indisciplina.

Violência escolar, como evitar?

Proponha produzir com os seus colegas fanzines e jornais murais!

Leve para a sala de aula jornais, revistas, gibis, imagens, textos etc. (atuais ou não) que tenham notícias sobre a educação, escola, violência na escola etc., além de folhas A4, papel pardo ou cartolina, canetas, lápis, pilotes, cola, tesoura, grampeador, pregadores de roupa, barbante e fita adesiva.

Para iniciar, reflita com os colegas sobre as diversas formas de violência que acontecem na escola e meios para evitá-las.

Depois, organizem-se em pequenos grupos e distribuam os gibis, os jornais, os textos e os demais materiais. Identifiquem, recortem e coleem, em papel (se for fanzine utilize folhas de A4, se for jornal mural, cartolina ou papel pardo) as notícias sobre violência que mais chamaram a atenção. Esta atividade, além de ser um momento de descontração, também possibilita interação entre o grupo, através da troca de ideias e da escolha das notícias coletivamente.

Por último, faça um varal para exibir os fanzines no pátio da escola e/ou coloque as cartolinas ou papel pardo nos murais.

Esse tipo de trabalho estimula o debate e a participação de outros estudantes e professores da escola!



Com inúmeros casos de bullying sendo noticiados pela mídia nos últimos anos, projetos de lei têm sido criados para o enfrentamento, chamados de lei antibullying, a exemplo da Lei nº 13.185/2015, que instituiu o **Programa de Combate à Intimidação Sistemática** (bullying) em todo território nacional. Essa lei considera o bullying como:

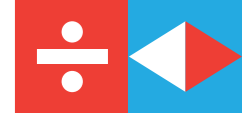
Intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

O Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) estabelece que o Ministério da Educação, as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e outros órgãos, como as instituições de ensino, têm o dever de desenvolver ações e medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying).

Caracteriza, ainda, a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação, como, por exemplo: ataques físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer

meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado e pilhérias (piadas de mal gosto).

No entanto, temos que ter o devido cuidado de não confundir bullying com as demais violências, como está referido acima, visto que violência física, a grave ameaça, o insulto (podendo ser tido como difamação e assédio moral) e a discriminação (ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional), por exemplo, são algumas das violências enquadradas pelo código penal, ou seja, são violências específicas que não devem ser consideradas como bullying. É importante então salientar que não é todo tipo de comportamento violento que ocorre entre estudantes que podem ser classificados como bullying.



Cineclube na escola!

Faça uma exibição seguida de debate. Traga também parceiros da escola para a conversa (Organizações não governamentais, Posto de Saúde, especialistas no assunto, entre outros) e convide seus colegas e professores. Veja algumas dicas de filmes que abordam os temas que estamos tratando.

Quase um segredo, 2004 – Um garoto tímido e franzino sofre bullying constante de um grandalhão da escola e, junto com seu irmão mais velho, arma um plano de vingança. Aí os papéis se invertem com consequências trágicas.

Bullying – Provoações Sem Limites, 2009 – Órfão de pai, Jordi é um jovem educado, bom aluno e talentoso jogador de basquete que, ao se mudar para uma nova escola em Barcelona, desperta raiva e inveja de um bullie e seu grupo. Humilhações e espancamentos tornam-se parte de sua vida. Jordi guarda silêncio enquanto a violência se intensifica, envolvendo-se cada vez mais no perigoso e sádico jogo psicológico do seu agressor. Um longa angustiante que mostra de maneira severa e chocante a realidade dos que sofrem bullying e a importância de se denunciar essa prática.

Conheça os tipos de bullying que devem ser evitados na escola – Senado Notícias.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=RAfbbbALALY>.

Blender – Curta-metragem Animado

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I0RZvBUYgnQ>>.

Historicamente, o bullying foi visto como “brincadeira” própria da idade do indivíduo. Além disso, o termo é confundido como sinônimo da violência, como dissemos acima. É comum encontrarmos diversos trabalhos acadêmicos, campanhas e discursos associando e designando violências como preconceito, discriminação, racismo, sexismo, entre outros, como bullying. É preciso deixar claro que não se pode colocar todas essas expressões no mesmo bojo de discussão, pois assim se reduz as especificidades de cada violência e deixamos de discutir o que significa cada uma delas. Reiteramos que, no Brasil, o racismo não pode ser considerado bullying, já que é crime pelo código penal (Lei nº 7.716/1989). É importante reforçar as diferenças entre os vários tipos de violência e separar o que é violência “dura”, microviolência e violência simbólica.

Como procurar ajuda?

Se você está sofrendo algum tipo de violência (bullying, assédio, discriminação etc.) procure conversar com algum adulto de confiança, familiar ou professor. Caso não consiga, procure um amigo próximo. Não sofra sozinho.

Para compreender o fenômeno do bullying é preciso ir além das características e investigar todos os atores e os diferentes papéis exercidos nessa complexa teia que gera situações causais influenciadas por diferentes emoções, atitudes e motivações, entre as quais se destacam as seguintes relações: agressor(es), vítima(s), vítima(s)/agressor(es), expectador(es)/testemunha(s), ou seja, quem sofre, pratica e/ou observa situações de bullying.

Cyberbullying



A vítima se apresenta como aquela passiva, submissa, enquanto o agressor tem atitudes provocadoras e intimidadoras. Já os espectadores (testemunhas) são os que estão a uma certa distância, indiferentes à situação. Podem não reagir ao ocorrido, não apoiar ou auxiliar as vítimas, por não saber o que fazer ou terem medo de se tornarem vítimas, ou podem se apresentar de forma ativa e desempenharem o papel de instigar (com aplausos, risadas, gritos de incentivo) e propagar a ação vista, principalmente compartilhando através de dispositivos móveis (celulares) na internet, de onde muitas vezes se provoca novas agressões à vítima, o que é conhecido como cyberbullying.

O **cyberbullying** emerge com o advento das novas tecnologias, que possibilitaram uma maneira de agressão ao outro, em que também de forma sistêmica e intimidadora, as agressões são praticadas globalmente na rede mundial de computadores.

O conceito de cyberbullying foi estudado por Bill Belsey (2005), que o definiu como o uso dos meios das tecnologias da informação e comunicação – como e-mail, mensagens de telefone móvel, mensagens instantâneas como o WhatsApp e as demais redes sociais por personagens anônimos, que manifestam comportamentos vexatórios e difamatórios de um indivíduo ou grupo e que, deliberadamente e de forma repetitiva e hostil, pretendem causar dano a outro.

O cyberbullying é caracterizado quando se utiliza a internet para depreciar, incitar a violência ou adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. O anonimato que dá liberdade aos agressores e dificulta a defesa ou o enfrentamento à ação, além da massiva distribuição da informação que estes meios digitais permitem, causam sofrimento para as vítimas, porque as agressões podem chegar a um número incalculável de espectadores. Além disso, a duração da agressão ganha outras dimensões: a palavra escrita compartilhada online tem caráter duradouro, na medida em que cada pessoa que visualiza a agressão pode compartilhar com outros e/ou salvar em seu dispositivo. Isso faz com que ela possa ser vista inúmeras vezes, acessada de qualquer lugar e a qualquer momento, ficando quase impossível controlar o fim deste tipo de violência.

Geralmente os autores de cyberbullying e de cyberstalking (perseguição praticada pela rede) “se escondem” a partir de um perfil falso. Porém, vale destacar que este é também um crime previsto no Brasil, tipificado no Código Penal pelo Decreto-Lei nº 2.848/40 e Lei nº 12.737/2012, popularmente conhecida como Lei Carolina Dieckmann, que define casos de delitos e crimes informáticos.

Mesmo que alguns casos de cyberbullying aconteçam fora do ambiente escolar, há repercussão também dentro das escolas, por

isso é necessário e urgente utilizar os laboratórios de informática e as salas de aulas para uma educação digital e o uso responsável das plataformas online, evidenciando os riscos que esta “nova rua” – a internet – apresenta, bem como as possibilidades de proteção e segurança. As famílias também devem discutir os pontos positivos do acesso à internet e apontar os perigos quando se utiliza a rede para fins negativos.

Cineclube na escola!

Faça uma exibição seguida de debate. Traga também parceiros da escola para a conversa (Organizações não governamentais, Posto de Saúde, especialistas no assunto, entre outros) e convide seus colegas e professores. Veja algumas dicas de filmes que abordam os temas que estamos tratando.

Depois de Lúcia, 2012 – Após a morte da mãe num acidente, uma jovem de 16 anos muda-se com o pai para a capital, Cidade do México, onde passa a frequentar uma nova escola. Logo entra para uma turma e é convidada para um final de semana com o grupo. Ela acaba fazendo sexo com um dos garotos, que filma tudo e coloca na internet, dando início a um verdadeiro inferno para ela. Muita crueldade, num filme revoltante, real e excelente.

Cyberbully, 2011 – Taylor é uma adolescente que ganha um computador de aniversário e acaba se tornando vítima de bullying pela internet. Com medo de enfrentar seus amigos e colegas na escola, a jovem busca um grupo de ajuda onde conhece outros adolescentes com experiências parecidas.

5

A comunidade escolar como um todo é responsável pelas violências nas escolas, entre elas o bullying



Designed by Freepik

As violências trocadas, observadas de vários ângulos, são praticadas por diferentes personagens e toda a comunidade escolar, formada por estudantes, professores, famílias, corpo gestor, entre outros, é responsável.

Ainda que tenhamos chamado a atenção para questões estruturais, que fazem parte da sociedade, ou que são comuns em muitas comunidades, como desigualdades sociais que geram violências, também enfatizamos que a comunidade escolar, e também a família, pode contribuir para que as violências nas escolas sejam enfrentadas, a fim de conhecer sinais que indicam a possibilidade de ocorrência de cada uma delas, melhorando assim a eficácia dos programas de prevenção.

Cada pessoa, seja adulto ou jovem, precisa de informação e formação sobre a variedade das violências, possíveis formas de lidar com elas, o que pede além de conhecimento sobre tais violências, um entendimento sobre o clima escolar e sobre as relações sociais que se reproduzem na escola, para melhor colaborar com os estudantes para que não sejam vítimas ou agressores.

A relação entre comunidade escolar e família é básica, mas não é fácil, e essa relação se dificulta quando, muitas vezes pela falta de diálogo, existe a culpabilização da família pelos problemas dos estudantes nas escolas e a culpabilização da escola pela família. Quando o Estatuto da

Criança e do Adolescente (ECA)² e o Estatuto da Juventude³ sublinham que há que considerar primeiramente o bem-estar da criança, do adolescente e do jovem, implicitamente avalia a importância do diálogo entre escola, família e comunidade.

Para refletir...

- As vítimas de violência e/ou bullying apresentam riscos e dificuldades tais como: depressão, ansiedade, solidão, perda de confiança em si, ter ideias suicidas ou mesmo tentativas de suicídio. A violência na escola causada pelos colegas tem impacto no plano educativo, não somente quando os estudantes são vítimas, mas também quando são testemunhas, causando medo de ir à escola, alterando sua capacidade de concentração e falta de vontade de participar das atividades escolares. Sofrem o risco do absentismo, de não ter vontade de fazer seus deveres chegando ao abandono escolar. As avaliações internacionais mostram que a violência e o bullying reduzem a performance dos alunos em matérias fundamentais como a matemática.
- A violência, incluindo o bullying, tem um custo econômico e social elevado, criando a longo prazo dificuldades sociais e relacionais, levando a situações de risco, baixa qualificação e impacto socioeconômico, já que existe um desligamento precoce da escola.

² Para fazer o download do ECA, acesse: <<https://www.cmdcario.com.br/eca.php>>.

³ Disponível em: <<https://www.juventude.ma.gov.br/files/2018/11/ESTATUTO-DA-JUVENTUDE.pdf>>.



Quando a escola é respeitada pela qualidade do ensino, pela forma positiva como se dão as relações entre alunos e professores, quando as regras são conhecidas tanto por alunos, como por familiares, quando há prevenção de situações de violência, seja ela “dura”, microviolência ou simbólica, quando há ações contra situações de bullying, a escola exerce de fato sua responsabilidade quanto a comportamento, clima escolar e nível de relações sociais.

Não se trata da imposição de um poder, mas de uma autoridade respaldada na sua missão: informar, ensinar, formar e cuidar de todos. Mas isso requer principalmente uma escola democrática, que não impõe seu poder, mas que o compartilha com a comunidade escolar por meio do diálogo.

As violências, as discriminações e o bullying trazem consequências tanto individuais, para vítimas e agressores, como so-

ciais, para as escolas, com consequências no cotidiano e no clima escolar, com repercussões no processo de ensino e aprendizagem, já que a convivência entre os estudantes e entre estes e os professores têm uma relação direta com o desempenho escolar. Existe também um elevado custo econômico, levando crianças, adolescentes e jovens, a que tenham dificuldades sociais e relacionais, sofram com a repetência e a evasão e não possam ter uma maior qualificação para o mercado de trabalho.

Como dito pela filósofa Martha Nussbaum, é preciso trabalhar conjuntamente para que a escola venha a contribuir para uma democracia que se pautar por relações sociais de respeito à dignidade humana e apoio às escolhas próprias, constituindo relações mais autônomas e criativas, menos preconceituosas, avessas às discriminações e, por conseguinte, com menos violência.

DICAS DE ATIVIDADES

Construir um canal de denúncia anônima no WhatsApp, entre estudantes, sobre casos de violências (bullying, preconceitos, discriminação, assédio, violência sexual, etc.).

Criar um grupo de acolhimento permanente entre estudantes e professores na escola com atividades diversas sobre o tema de violências.

Criar rádio escolar (mesmo que seja simples: uma caixa de som na hora do recreio), página na internet (Instagram, Facebook, Blog, etc.), cineclube (exibição de produção audiovisuais e debates) para participação, criação, divulgação de atividades educacionais;

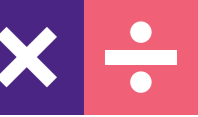
Produzir spot/podcast, vídeos, jornais murais, entre outros, sobre o tema de violências.

Fazer clube de leitura e escrita sobre o tema de violências para a produção de festivais como “slam da poesia escolar”, “varal de fanzines”, “vídeos de bolso”.

Elaborar diagnósticos sobre violências e convivência escolar a partir de grupos de pesquisas entre professores e estudantes (criação de roteiros de entrevistas e observação).

A cartilha Reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar, faça você mesmo! Guia para estudantes, traz dicas de atividades educacionais (fanzine, jornal mural, vídeo de bolso, rádio escolar, spot de rádio, foto varal, produção de notícias, entrevistas e muitas dinâmicas) para realizar na escola. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2018/08/Guia-Estudantes.pdf>>.





REFERÊNCIAS

BELSEY, B. **Cyberbullying**: An emerging threat to the “always on” generation. 2005. Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca/pdf/feature_dec2005.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHARLOT, B. Educação e globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. In: **Revista de ciências da educação da Universidade de Lisboa**, n. 4, p. 129-136, set./dez. 2007.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Rio de Janeiro: Editora Verus, 2005.

FINKELHOR, D.; MITCHELL, K.J; WOLAK, J. **Online victimization**: a report on the nation’s youth. Alexandria, VA: National center for mis-sing and exploited children, 2000.

NUSSBAUM, Martha C. **Not for Profit**. Why Democracy needs the Humanities. Princeton: Princeton University Press, 2010.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**, v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997, I.S.P.A.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: what we know and what we can do. Malden, MA: Blackwell Publishing, 1993. 140 p.

OLWEUS, D. Bullying at School: basic facts and effects of a School Based Intervention Program. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 35, p. 1171-1190, 1994. DOI: 10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x

UNESCO. **School Violence and Bullying**. Global Status Report Publié en 2017 par l’Organisation des Nations Unies pour l’éducation, la science et la culture. 2017.

SOBRE AS AUTORAS

Miriam Abramovay

Socióloga. Doutora em Ciências da Educação. Coordenadora do Programa Estudos e políticas sobre juventudes, educação e gênero: violências e resistências da Flacso Brasil.

Ana Paula da Silva

Jornalista e docente em Comunicação Social. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora no Programa Estudos e políticas sobre juventudes, educação e gênero: violências e resistências da Flacso Brasil.



Trilhos da EDUCAÇÃO

PARCERIA:



SEDUC

GOVERNO DO
MARANHÃO

